

## OS “BRICS” E AS ESTRATÉGIAS DE MERCADO DIANTE DA DESACELERAÇÃO ECONÔMICA CHINESA

Guilherme Ferrari<sup>1</sup>

Cláudia Brazil Marques<sup>2</sup>

### RESUMO

O trabalho tem por objetivo identificar como os demais países dos “BRICS” e a China administram estrategicamente as suas relações econômicas e a desaceleração do crescimento chinês de 2003 até 2012. A metodologia foi estudo de caso exploratório e descritivo de análise quantitativa. Por fim conclui-se que os países que compõem os “BRICS”, estão na busca de estratégias para um novo cenário econômico, com novas possíveis perspectivas e perspectivas de desenvolvimento para um futuro mais sustentável de sua população, muitos com políticas mais ortodoxas como, buscando recursos com ajustes fiscais, reformas institucionais, aumento de taxas de juros, diminuição da corrupção, melhoramento das condições sociais para a sua população.

**Palavras-chave:** Mercados emergentes. “BRICS”. China.

### ABSTRACT

The work are intended to identify as the other countries of the "BRICS" and China strategically manage their economic relations and the desacetoxyl-eração of Chinese growth from 2003 to 2012. The study methodology was exploratory and descriptive case quantitative analysis. Finally it is concluded that the countries of the “BRICS”, are in search strategies for a new economic scenario, with possible new perspectives and prospects of-development for a more sustainable future for its people, many with more orthodox policies as, seeking funds with fiscal adjustments, reinforcement-but institutional, increased interest rates, curbing corruption, improving social conditions for its population.

**Keywords:** Emerging Markets. “BRICS”. China.

### INTRODUÇÃO

Segundo O'Neil (2001), o termo “BRICS” significa a união de países considerados emergentes, como Brasil, Rússia, China, Índia e África do Sul”. Apesar de não ser um bloco econômico, os “BRICS”, são considerados por muitos como um

<sup>1</sup>Aluno do Curso de Pós-Graduação em Gestão Estratégica Empresarial- Faculdade Dom Alberto- Santa Cruz do Sul, RS. E-mail: gui\_h\_18@hotmail.com.

<sup>2</sup> Economista. Professora. Mestre em Turismo. Especialista em Direito Internacional Econômico e da Integração. Orientadora do artigo- Curso de pós-graduação em Gestão Empresarial Estratégica da Faculdade Dom Alberto.

grupo com ideias similares de desenvolvimento econômico. A concepção do bloco foi formatada pelo economista da Goldman Sachs, Jim O'Neil, em 2001. No ano de 2006, essa ideia deu origem a um “ajuntamento”, propriamente dito, incorporado às políticas externa de Brasil, Rússia, Índia e China. Em 2011, a África do Sul passa a fazer parte do grupo, que adotou a denominação “BRICS”.

A junção desses países tem caráter informal, pois não há qualquer tipo de documentação que firma algum tipo de acordo formal entre eles. Mas, as políticas equivalentes de atuação no cenário mundial, buscam posição de destaque no mundo geopolítico. De acordo com o IPEA (2010), os “BRICS” têm aproximadamente 42% da população mundial, nos últimos anos, foram responsáveis por impulsionarem o crescimento econômico mundial, sendo que a economia dos “BRICS” em 2010 correspondia a 14 % do PIB mundial.

Porém, conforme Neto (2014) os países membros do “BRICS” sentiram a necessidade de criar o Novo Banco de Desenvolvimento (NBD) que representem os interesses deste grupo de economias emergentes, para fortalecer o desenvolvimento, devido a dificuldades na negociação por busca de recursos no Banco Mundial ou Fundo Monetário Internacional que não adequaram as suas políticas de acordo com as questões financeiras dos países emergentes e também a necessidade por parte desses na participação nas decisões destas instituições internacionais.

Diante disto, o estudo aqui busca discutir as estratégias de mercado adotadas diante das dificuldades das crises mundiais pelas economias emergentes (“BRICS”). Logo, a questão problema é entender como os países que compõe os “BRICS” administram de forma estratégica a desaceleração da economia chinesa. Neste sentido, o objetivo geral é identificar as estratégias econômicas dos países que compõem os “BRICS” nos últimos dez anos. O objetivo específico consiste em descrever o processo de desaceleração da economia da China no período de 2003 a 2012 e por fim, efetuar uma análise comparativa da economia dos demais países que compõe os “BRICS” em relação à China.

Justifica-se a escolha do tema como uma oportunidade, de estudar as

estratégias de mercado adotadas pelos países que fazem parte dos “BRICS” em relação ao crescimento da economia chinesa e também, o interesse do pesquisador em conhecer mais sobre a economia mundial e o processo de desenvolvimento e suas relações e os impactos econômicos no grupo dos emergentes e no resto do mundo.

### **Os “Brics” e suas relações comerciais**

Em relação à economia mundial, a China vem tendo um desempenho bem acima da média ainda. Mais na visão de muitos especialistas o problema que mais preocupa a China, para seu papel futuro nos “BRICS” e na economia global é como ela vem lidando com os seus recursos naturais e o crescimento produtivo.

Segundo Valdez e Molyneux (2010) a economia chinesa é três vezes maior que a indiana, mas, estes dados poderão no futuro muito próximo se inverterem, pois, a China mostra dificuldades em manter às mesmas taxas de crescimento no longo prazo. Porém, acredita-se que a Índia começa a sinalizar um crescimento econômico com capacidades de ultrapassar a China como maior velocidade num futuro próximo.

Entre os países participantes dos “BRICS”, a China é o que mais chama a atenção no cenário econômico mundial, pois é o país com o maior índice populacional, seguido da Índia. A economia chinesa vem aos poucos perdendo seu fôlego, nota-se uma desaceleração da sua economia ao longo da última década. Como mostra dados do IPEA (2009),

... o problema é que indicadores econômicos de 2008 também já apontam para uma desaceleração rápida da economia. No quarto trimestre do ano passado, o crescimento chinês deu uma freada brusca, caindo para 6,8% entre outubro e novembro, quase metade do ritmo do final de 2007. Analistas mais pessimistas apostam em um crescimento abaixo dos 7% para a China 2009. Estatísticas do Fundo Monetário Internacional (FMI) apontam para uma taxa 6,7% de expansão para o PIB chinês, cenário ainda bastante positivo diante da projeção para a média mundial, de 0,5%, pior previsão do fundo em 60 anos. (IPEA, 2009).

Diante de um cenário, mais realista, o mundo começa a sofrer as consequências cometidas por atos de degradação dos recursos naturais no decorrer dos anos, que passa preocupar os chineses, devido à redução de produção de alimentos, qualidade de vida, fazendo com que a sociedade e o Estado passem a se preocupar com desafios em como planejar o uso destes recursos no futuro como o caso das fontes hídricas, o uso do solo, a questão energética, logo requer produzir, consumir menos de forma mais sustentável. Além disso, hoje (2014) na China há grande emissão de gases, que provém dos seus parques industriais instalados em seu país.

De acordo com Bergten, Freeman, Lardy e Mitchell (apud MELLO; 2012) o desenvolvimento descontrolado da economia chinesa impõe novos desafios ao seu atual modelo, seu crescimento baseado no investimento, fez aumentar as desigualdades sociais no país, prejudicou os ganhos dos trabalhadores. Já com esse diagnóstico, o governo chinês vem procurando parcerias com o Brasil e África do Sul, grandes exportadores de matéria-prima, esses países possuem grandes reservas de recursos naturais.

Segundo China-Africa Economic and Trade Cooperation (2010) no período de 2007 a 2009, a China forneceu à África US\$ 5 bilhões de dólares em créditos de diversas formas e preferências comerciais, estima-se que de 2010 a 2012, a China deverá fornecer um montante de US\$10 bilhões de dólares em crédito com taxas preferenciais. Porém na África do Sul, a China busca principalmente pedras preciosas e metais para produção de chips em geral. Já no Brasil, os chineses procuram parceria na área de *commodities*, porque, o Brasil é considerado o um dos maiores exportadores de grãos do mundo.

De acordo com Baumann (2010) a agricultura brasileira reduziu sua expressão no PIB na primeira metade da década de 1990, mantendo relativa estabilidade desde então, da ordem de 6% do Produto Interno nos anos subsequentes. Porém, a China tem a maior população mundial e precisa alimentá-los. Logo, o Brasil tem um papel importante nos “BRICS” e principalmente para China, os dois países de certo modo se complementam nos negócios, através da

comercialização de produtos e serviços.

Neste sentido, percebe-se a força crescente da economia brasileira reflete na comercialização dos *commodities* e a China com ascensão da classe média como grande mercado consumidor. Portanto, é interessante que as relações comerciais China e Brasil sejam boas. Para os chineses o Brasil é um país atraente em muitos aspectos, como a cultura de sua gente, seus esportes e o jeito como o brasileiro leva a vida, e principalmente as suas fontes de recursos naturais.

De acordo com Fishlow (2007, p.282 apud MELLO; 2012, p.57),

... o futuro do Brasil requer um Estado mais eficiente, mas é sabido que o caminho não são mudanças drásticas, mas sim, em uma reforma permanente e douradora do Estado, este seria o modelo para a gestão dos países no século XXI.

Portanto, os chineses anseiam em prosperar, esperando que mercado consumidor brasileiro seja o seu principal cliente. Por outro lado, as relações com a Rússia e Índia, os interesses são diferentes. Com a Rússia a relação é de parceria na área bélica e em combustíveis como o gás e o petróleo. A Rússia é considerada o país dos “BRICS” menos dinâmico, pois o gás e o petróleo são seus principais produtos de exportação. Em 2011 a produção petrolífera totalizou 509,4 milhões de toneladas, sendo que o total exportado chegou a 244,4 milhões de toneladas (BRASIL, 2013). Sendo que, a Rússia é o país membro de maior extensão geográfica dos “BRICS”, é considerada a segunda maior potência militar do mundo.

Porém, a Índia é o país mais identificado com o modelo chinês de crescimento, devido a crescente população e um o crescimento econômico desenfreado. A Índia com uma população jovem passa a garantir um futuro, com mão de obra extensa, além disso, o setor de tecnologia da informação se destaca no país. Porém, a Índia, também possui uma das maiores desigualdades social do mundo e índices acentuados de corrupção na política. Para Ramalho (2013) os governos devem se preocupar além de criar condições favoráveis para o crescimento econômico, mas, também promover condições para reduzir as desigualdades sociais.

Mas, percebe-se que as relações entre Índia e China sempre foram cercadas de tensão com problemas relacionados aos limites de fronteiras e questões religiosas. Os dois países vivem confrontos que se arrastam do século (XX) passado em relação à limitação de seus territórios, mas estão procurando encontrar soluções diplomáticas para resolver de forma pacífica estas questões. O confronto mais conhecido é pelas terras da Caxemira, onde Índia e Paquistão disputam territórios, mas a China tem interesse, pois se localiza entre os dois países e boa parte também é controlada pela China, ou seja, a região é controlada pelos três países e vive em conflito até os tempos de hoje (século XXI).

### **A China e o Crescimento Econômico - “BRICS”**

Nos “BRICS” o crescimento econômico foi acentuado na última década, que foi de 2000 a 2010 todos os países cresceram de uma forma rápida. China e Índia com as taxas mais altas. Mas em 2011, observa-se desaceleramento pequeno em relação ao crescimento econômico chinês. Já com esses números, a China começou a planejar estrategicamente novos cenários de crescimento. Sendo assim, planejar para o desenvolvimento de forma sustentável. Percebe-se que os custos com mão de obra não são considerados um dos custos mais baratos, estima-se 830 milhões de trabalhadores, 300 milhões deles estão concentrados ainda na zona rural, crises de insatisfação são constantes entre trabalhadores e patrões (PEREZ, 2015).

Isto leva a considerar o mercado dos vizinhos como no caso do Vietnã, Camboja, Laos, Tailândia, possuem custos de produção menores, alguns investimentos que seriam para a China, foram direcionados para estes países vizinhos, com menores custos de mão de obra e melhores resultados econômicos. Por outro lado, a China passa a preocupar-se com as mudanças e começa a implantar novas indústrias no interior do país, evitando com que as pessoas migrem para as grandes cidades (metrópoles), logo assim, reduzindo custo de produção.

Portanto, surge uma indústria baseada na mão de obra com pouca qualificação e produção de produtos em massa. Observa-se que os chineses nas últimas décadas, receberam grandes investimentos de todo o mundo principalmente na indústria, destacam-se os investimentos direcionados para reduzir custos de produção e para aperfeiçoar a fabricação de produtos.

Sendo que, a abertura da economia chinesa diante das reformas políticas e econômicas, o país tornou-se a segunda maior economia do globo, assim atraindo investimentos de vários países do mundo (IPECE, 2014). Neste caso, porém o governo chinês começou a abertura do mercado de forma cautelosa, evitando especulação e buscando destinar a entrada de capital estrangeiro de acordo com os planos de modernização de matriz industrial prevista pela China. Diante disto, o câmbio passa a ser administrado para favorecer o crescimento da economia chinesa, e que, no caso dos controles de capitais, serviu como política de proteção a choques externos e possível volatilidade dos fluxos de capitais (VIEIRA; VERÍSSIMO, 2009).

De acordo com o FMI (2014) os mercados emergentes, Brasil, Índia, Rússia e África do Sul apresentam gargalos em infraestrutura, não é considerada apenas uma preocupação de médio prazo, mas têm sido apontados como uma restrição ao crescimento mesmo no curto prazo. Sendo assim, o Brasil e os demais países do “BRICS” veem realizando investimentos para reduzir estes “gargalos”, na modernização de portos, aeroportos e rodovias, buscando assim, baixar custos, pois, todos tiveram desaceleração econômica nos últimos anos, causados pela crise mundial (2008 e 2009) e buscar uma retomada do crescimento com reformas econômicas.

## **METODOLOGIA**

A pesquisa foi realizada através do estudo de caso, descritivo dos “BRICS”, onde se faz uma análise mais aprofundada, sobre uma situação específica de cada

país, e dos “BRICS” e quais estratégias são usadas para enfrentar o desaceleramento da economia chinesa. Segundo Yin (2010) o estudo de caso é um estudo empírico que investiga um fenômeno atual dentro do seu contexto de realidade, surge do desejo de entender os acontecimentos sociais mais complexos.

Alguns métodos de pesquisa são adotados, como pesquisa descritiva e pesquisa bibliográfica. De acordo com Collis (2005) a pesquisa descritiva, é de suma importância descrever o comportamento dos fenômenos é também utilizado para obter informações sobre características de um determinado problema. Foi feita uma pesquisa bibliográfica, pois, é fundamentada em um referencial teórico como enciclopédias, anuários, catálogos como fonte de consulta para a discussão do problema em questão e complementando os procedimentos de consulta.

O método de análise de dados foi análise quantitativa. Na percepção de Andrade (2010) a análise quantitativa se preocupa com a análise científica do problema, com dados específicos e precisos sobre a abordagem. Porém para Lakatos (2008) o levantamento de dados, na organização da pesquisa quantitativa, deve ser expresso em medidas numéricas, os dados analisados pelo pesquisador, levam a solução real, lógica e verdadeira.

## **ANALISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS**

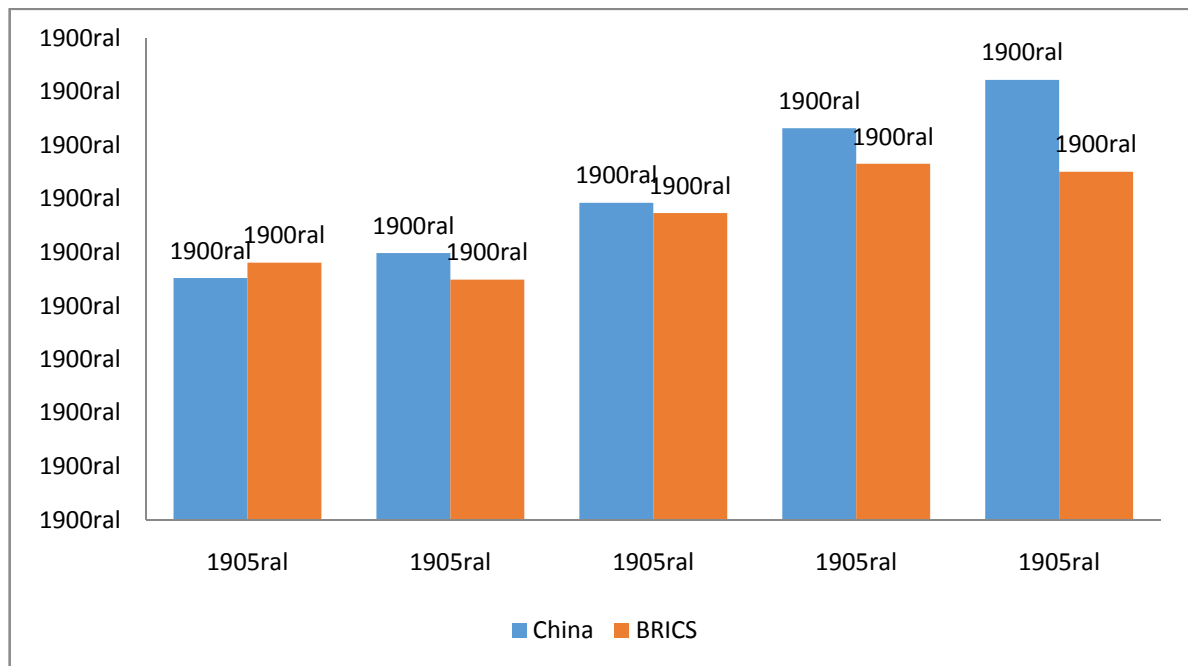
De acordo com os dados do PIB dos “BRICS” nos anos 2000, mais precisamente nos últimos cinco anos (2008 a 2012) em volume sendo a comparação entre China e demais países dos “BRICS”. Observa-se que as economias dos “BRICS” em geral, tiveram avanços significativos. O PIB da China no período analisado quase dobrou de valor alcançando em 2012 U\$ 8,2271 trilhões de dólares. Já o PIB dos “BRICS” (sem a China) teve um aumento aproximado de 35 % chegando a marca de U\$ 6,5105 trilhões de dólares, ou seja, desempenho inferior ao PIB chinês do período.

Percebe-se também a partir dessa análise (GRÁFICO 1), que a economia



chinesa se manteve forte apesar da crise econômica internacional (2008 e 2009). Haja a vista, que o PIB chinês continua em expansão nos anos seguintes.

Gráfico 1- Produto Interno Bruto (PIB) BRICS e China (2008 a 2012)



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do World Bank Group Data (2015).

Observa-se, a partir do gráfico acima, que o PIB dos “BRICS” em 2008 era maior do que a China, e já em 2009, os chineses ultrapassam o PIB dos “BRICS”, no ano que foi marcado pela crise internacional (2008 e 2009), onde os países tiveram queda nos seus PIBs, com exceção da economia chinesa e indiana, que continuaram crescendo e abrindo distância para os demais países dos “BRICS”.

Strassburg, Souza e Eberhardt (2013) afirmam que “A crise financeira de 2008 e 2009, como pode se perceber, teve dimensões internacionais atingindo de formas mais intensas alguns e países outros com menor força. Os países dos “BRICS” se recuperam mais rapidamente que os demais, principalmente a China.”

Percebe-se que no período de análise, mais precisamente após 2008, que a

economia chinesa é a que cresce mais do que todas as demais economias que compõe os “BRICS” abrindo certa vantagem em relação a PIB. E em relação ao crescimento econômico chinês em comparação aos demais membros do grupo dos “BIRCS”, analisa-se de 2003 até 2012. Percebe-se que a taxa de crescimento chinês teve seu auge em 2007, chegando a crescer 14,20 % nesse ano. Nota-se, porém, que a partir de 2008 o PIB chinês começa a crescer menos (em relação a si mesmo), neste caso, mostrando uma menor taxa de crescimento.

Tabela 1- Crescimento econômico em porcentagem de 2003 a 2012

	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012
China	10,0	10,1	11,3	12,7	14,2	9,6	9,20	10,40	9,3	7,7
Brasil	1,15	5,71	3,20	4,00	6,10	5,20	- 0,35	7,53	2,73	1,00
Índia	7,90	7,90	9,30	9,30	9,80	3,9	8,50	10,30	6,64	4,70
Rússia	7,30	7,20	6,40	8,20	8,50	5,20	- 7,80	4,50	4,30	3,40
África do Sul	2,95	4,55	5,28	5,6	5,55	3,62	- 1,53	3,09	3,46	2,55

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do World Bank Group Data (2015).

Porém, é visível que o período que os dados aqui são analisados de 2003 a 2012, todas as economias dos “BRICS” tiveram crescimento econômico, de acordo com suas capacidades e recursos produtivos em relação aos seus indicadores de desenvolvimento.

De acordo com (TABELA 1) nota-se uma queda nas taxas de crescimento em todos os países dos “BIRCS” no ano de 2009 exceto Índia e China, a queda deve-se o reflexo da crise internacional americana no ano de 2008 e 2009, que ocasionou reflexos na economia mundial, em virtude disso, os países em crescimento começam a apresentar menores taxas de expansão econômica nos anos seguintes após o impacto da crise de 2008.

Diante disto, o crescimento econômico pode ser uma expansão que está sendo sustentada através das possibilidades de produção, que se pode medir através das medidas que mostra o cálculo do PIB real ao longo de determinado período de tempo da economia de um país (PARKIN, 2009).

Portanto, a renda per capita em dólares americanos, dos países em estudo aqui, como no caso da Rússia, apresenta o melhor PIB per capita dos “BRICS”, atingindo U\$ 14.090 de dólares em 2012 (TABELA 2), já a Índia é o pior colocado no quesito renda per capita com o valor de U\$ 1.503 de dólares em 2012, quase dez vezes menor do que a Rússia.

Tabela 2 - Renda per capita em dólares de 2008 a 2012

	2008	2009	2010	2011	2012
China	3,413	3,748	4,433	5,447	6,092
Brasil	8,662	8,373	10,978	12,576	11,320
Índia	1,042	1,147	1,417	1,539	1,503
Rússia	11,699	8,615	10,709	13,324	14,090
África do Sul	5,612	5,738	7,271	8,070	7,508

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do World Bank Group Data (2015).

Todos os “BRICS” tiveram avanços consideráveis nesse período de análise, com destaque novamente para a China, que apesar de ter uma renda per capita baixa, quase dobrou em cinco anos, alcançando em 2012 U\$ 6,092 de dólares.

Já os demais países tiveram aumentos menores em relação os chineses, Brasil U\$ 11,320 de dólares e África do Sul U\$ 7,508 de dólares, também tiveram bons desempenhos no período.

As rendas (salários, lucros) são gastas pelos indivíduos e pelas companhias na aquisição de bens e serviços que desejam, serviços de consumo ou de produção, se forem gastas somente para consumir, a renda do país não aumenta e a economia

regride (GALVES, 2004).

Já sobre a população do “BRICS” (TABELA 3) em 2012 atingiu o patamar aproximado de 2,937 bilhões de pessoas, ou seja, quase a metade da população mundial.

Destacam-se nesse análise as populações da China 1,343 bilhões de habitantes e da Índia com 1,205 bilhões de pessoas. A população brasileira nesse período teve um ligeiro acréscimo de pessoas passando de 196 milhões em 2008 para 199 milhões em 2012.

As demais populações do “BRICS”, como a Rússia teve uma pequena alta. Em 2008 a população russa era estimada em 140 milhões de habitantes, em 2012 essa população passou a cerca de 142 milhões. A África do Sul se manteve estável no período, mantendo praticamente a mesma população de 2008 a 2012 de 48 milhões de habitantes.

Tabela 3- População dos “BRICS” (em milhões de pessoas) de 2008 a 2012

	2008	2009	2010	2011	2012
China	1,350	1,338	1,330	1,336	1,343
Brasil	196	198	201	203	199
Índia	1,147	1,166	1,173	1,189	1,205
Rússia	140	140	139	138	142
África do Sul	48	49	49	49	48

Fonte: Adaptado pelo autor a partir dos dados do Index Mundi (2015).

Destaca-se ainda que a maior parte da população desses países está em ascensão social, ou seja, entrando para o mercado consumidor. Os “BRICS” tem hoje o maior mercado consumidor do mundo, com uma população de aproximadamente de 2,937 bilhões de habitantes.

...condições para a existência de um mercado competitivo é a quantidade grande de número de produtores e de compradores, todos eles de porte pequeno, assim incapazes de forma individual afetar o preço do bem ou serviço oferecido e a conduta dos demais concorrentes. Assim nenhuma empresa individualmente consegue influenciar o mercado consumidor a elevar ou baixar os preços dos bens de consumo. (NUSDEO,2002).

Logo os números referentes às exportações dos “BRICS” (TABELA 4), no

período de 2008 a 2012. Notadamente a China é o grande destaque com exportações que atingiram U\$ 2,048 trilhões de dólares em 2012, mais que todos os países dos “BRICS” juntos.

Tabela 4- Exportações dos “BRICS” (em bilhões de dólares) de 2008 a 2012

	2008	2009	2010	2011	2012
China	1.430	1.201	1.577	1.898	2.048
Brasil	197	152	201	256	242
Índia	194	164	226	302	296
Rússia	471	303	400	522	529
África do Sul	80	61	91	108	100

Fonte: Adaptado pelo autor a partir dos dados do OMC (2015)

A Rússia é o segundo maior exportador do bloco, atingiu em 2012 aproximadamente U\$ 529 bilhões de dólares em exportação. Brasil e Índia vêm em sequência, com U\$ 242 e U\$ 296 bilhões de dólares respectivamente. Sendo que, a África do Sul em 2012 atingiu a marca de U\$ 100 bilhões de dólares em exportação.

Percebe-se que (TABELA 4) os países dos “BRICS” mostraram crescimento em suas exportações no período de 2008 a 2012, a China quase dobrou o volume de exportações no período de 2008 a 2012 e os demais países com crescimentos de acordo com seus potenciais econômicos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados aqui analisados procuraram comparar as semelhanças, diferenças e como se relacionam os países dos “BRICS”, na busca da expansão das relações comerciais, e na consolidação de um padrão mais eficaz de competitividade da economia global.

No caso, o êxito das economias dos “BRICS” durante os anos 2000 foi obtido através do crescimento econômico com uma maior participação econômica no mercado mundial através do aumento das exportações no cenário da economia

mundial.

Pois, devido a sua expansão econômica, possibilitou também indicar possíveis estratégias de investimentos e parcerias que possam ser feitas entre esses países emergentes na economia mundial, como colaboração na produção e comercialização das *commodities*, no melhoramento de infraestrutura e investimento em projetos mútuos no desenvolvimento. Portanto, percebe-se que os “BRICS” esgotaram o modelo de crescimento baseado em consumo e pelo boom econômico dos anos 2000 (alta dos preços das *commodities* e afrouxo fiscal do Banco central americano). Estes fatos mostram que as economias dos “BRICS” e em especial a chinesa, não podem esquecer-se de olhar para as suas particularidades nas questões problemas e nas suas potencialidades, isto tanto nas questões econômicas, políticas como as de ordem socioambientais e planejar um futuro de acordo com os seus desejos e recursos.

Por fim, percebeu-se que os países dos “BRICS” estão buscando estratégias para um novo cenário econômico, com novas possíveis perspectivas e prospectivas de desenvolvimento para um futuro mais sustentável de sua população, muitos com políticas mais ortodoxas como, buscando recursos com ajustes fiscais, reformas institucionais, aumento de taxas de juros, diminuição da corrupção, melhoramento das condições sociais para a sua população.

Acredita-se com essas medidas tomadas os países dos “BRICS” voltarão ao rumo certo, com crescimento econômico, inflação controlada e uma melhor distribuição de renda, gerando assim ascensão social de suas populações. Conclui-se que, os “BRICS” souberem utilizar seus potenciais durante o período de análise e estabelecerem uma nova ordem mundial econômica, mais igual e justa para toda sua população.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Maria Marguarida de. **Introdução a metodologia do trabalho científico: elaboração de trabalhos na graduação**. – 10. ed. – São Paulo: Atlas, 2010.

BAUMANN, Renato (org.). **O Brasil e os demais BRICs**. Comércio e Política. Brasília, Cepal, Escritório no Brasil/IPEA. 2010.

BRASIL, Ministério das Relações Exteriores. **Divisão de Inteligência Comercial**. Como Exportar. Rússia. Ministério das Relações Exteriores. Brasília: O Ministério, 2013.

COLLIS, Jill. **Pesquisa em administração**: Um guia prático para alunos de graduação e pós-graduação / Jill Collis e Roger Hussey; trad. Lucia Simonini. 2. Ed.- Porto Alegre: Bookman, 2005.

DE VIZIA, Bruno. COSTA, Gilberto. **BRICS- O tempo do BRIC- Brasil, Rússia, Índia e China crescem mais que a média mundial e atraem investimentos externos**. IPEA, Brasília. Ed.60. Ano 7, 2010. Disponível em: <<http://www.ipea.gov.br/> > Acesso em: 20 ago. 2014.

GALVES, Carlos. **Manual de política atual**. 15. Ed. Revisada e atualizada por Galeno Lacerda. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

INFORMATION Office of the State Council The People's Republic of China. **China-Africa Economic and Trade Cooperation**. 2010. Disponível em: <<http://www.scio.gov.cn> >. Acesso em: 02 dez 2014.

INFORME, Ipece. **BRICS e o Comércio Exterior Cearense**. Nº 79. Fortaleza, Agosto, 2014.

JUNIOR, Altamir Silva. **FMI**: gargalos em infraestrutura afetam a expansão do Brasil. Revista Exame, 2014. Disponível em: <<http://exame.abril.com.br> >. Acesso em: 01 dez. 2014.

LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa**: planejamento e execução de pesquisa, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados/ Eva Maria Lakatos, Marina de Andrade Marconi. 7.ed. – São Paulo: Atlas, 2008.

MELLO, Pedro Carvalho de. **O B de BRICS**: potencial de consumo, recursos naturais e economia brasileira. São Paulo: Saint Paul Editora, 2012.

NETO, Delfin. O Banco dos BRICS. **Revista Carta Capital**, 2014. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br>>. Acesso em: 22 jan. 2015.

NUSDEO, Ana Maria de Oliveira. **Defesa da concorrência e globalização econômica**. O controle da concentração de empresas. São Paulo: Malheiros Editores, 2002.

OLIVEIRA, Márcio. **O dragão chinês contra a crise-China so faz crescer**. E sonhar em ser maior potência econômica do mundo. IPEA, Brasília. Ed.48. ano 6, 2009. Disponível em: <<http://www.ipea.gov.br>>. Acesso em: 15 nov. 2014.

O'NEILL, Jim. **Building Better Global Economic BRICs**. Goldman Sachs, nov. 2001. Disponível em: <<http://www.goldmansachs.com>>. Acesso em: 9 jun. 2014.

PARKIN, Michael. **Economia**. Tradução Cristina Yamagami; revisão técnica Nelson Carvalheiro. 8. Ed. São Paulo: Addison Wesley, 2009.

PEREZ, Fabíola. **A China descobre o RH**. Istoé Independente, 2015. Disponível em:<<http://www.istoe.com.br>>. Acesso em: 22 jan. 2015.

RAMALHO, Jorge Antônio. **Os BRICs o Brasil e a agenda internacional**. Ceticismo, intersecções e oportunidades. Brasília, 2013.

STRASSBURG, Udo. DE SOUZA, Rogério Cardozo. EBERHARDT, Paulo Henrique de Cezaro. **Indicadores socioeconômicos dos integrantes dos BRICS – Brasil, Rússia, China, Índia e África do Sul**. Santa Cruz do Sul, 2013.

VALDEZ, Stephen; MOLYNEUX. **Na Introductionto global financial markets**. 6 ed. London: Palgrave MacMillan, 2010.

VIEIRA, Flávio Vilela. VERÍSSIMO, Michele Polline. **Crescimento econômico em economias emergentes selecionadas**: Brasil, Rússia, Índia e China (BRIC) e África do Sul. Campinas, 2009.

YIN, Robert K. **Estudo de caso**: Planejamento e Métodos/ Robert K. Yin; tradução Ana Thorell; Revisão técnica Claudio Damacena. 4. ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.

*Artigo aceito em novembro/2015.*